

PESQUISANDO JUVENTUDES EM GEOGRAFIA E NA CIDADE DE SANTA MARIA – RS

BARBOSA, Naomi Cambará¹
BISPO, Samuel Mahatma Lopes²
COSTA, Benhur Pinós da³
RIBEIRO, Nilda Marlize⁴
SAVIAN, Carla Pizzuti⁵
ZIEGLER, Ana Justina da Fonseca⁶

Recebido (Received): 24-03-2021

Aceito (Accepted): 13-12-2021

Como citar este artigo: BARBOSA, N. C.; BISPO, S. M. L.; COSTA, B. P.; RIBEIRO, N. M.; SAVIAN, C. P.; ZIEGLER, A. J. F. Pesquisando juventudes em Geografia e na cidade de Santa Maria-RS. **Formação (Online)**, v. 28, n. 53, p. 1001-1027, 2021.

Resumo

O artigo trata de pesquisas relacionadas aos projetos de iniciação científica desenvolvidos no Laboratório de Espacialidades Urbanas na Universidade Federal de Santa Maria-RS, em 2020. Tal pesquisa é parte do Projeto de Pesquisa Universal CNPQ denominado “Juventudes e Múltiplas Territorialidades: diferenças socioculturais em contextos de cidades médias e metrópoles brasileiras”. Debate teoricamente alguns resultados produzidos, principalmente a relação da juventude com a cidade, a juventude como fenômeno social e geográfico, a condição juvenil e as perspectivas dos estudos interseccionais, a sociabilidade juvenil e a igreja, as interações juvenis em tempos de pandemia. Apresenta o desenvolvimento metodológico da pesquisa, em especial a constituição de grupos focais e a produção de uma geografia narrativa. Apresenta algumas narrativas de jovens participantes dos grupos focais e discute elas mantendo relação com a teoria apresentada.

Palavras-chave: Juventude. Geografia. Cidade de Santa Maria-RS. Geografias narrativas. Grupos focais.

YOUTH RESEARCH IN GEOGRAPHY AND IN THE CITY OF SANTA MARIA-RS

Abstract

This article addresses the surveys related to scientific initiation projects carried out in the Urban Spatialities Laboratory at the Federal University of Santa Maria-RS in 2020. Such research is part of the CNPQ Universal Research Project called “Youth and Multiple Territories: Sociocultural Differences in Medium-Sized Cities and Metropolitan Contexts in Brazil”. It theoretically discusses some of the results produced, mainly the relationship to youth with the city, youth as a social and geographical phenomenon, the youth condition and insights into intersectional studies, youth sociability and the church, youth interactions in times of pandemic. It introduces the methodological development of the research, in particular the setting up of focus group discussions and the production of a geographic narrative. It features some narratives from young group participants in two focus groups discussing them in relation to the theory presented.

Keywords: Youth. Santa Maria-RS city. Geographic narrative. Focus groups.

¹ Graduanda em Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: nan.barbosa01@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6683-2422>.

² Graduando em Engenharia Civil pela Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: samuelmahatma@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9976-7823>.

³ Professor do Departamento de Geociências e Programa de Pós-Graduação em Geografia na Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: benpinos@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5440-0278>.

⁴ coordenadora do MNLM (Movimento Nacional de Luta pela Moradia) de Santa Maria. E-mail: nildaribeiro2255@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1140-5815>.

⁵ Graduanda em Bacharelado em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: carlapizzutisavian@hotmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6758-6489>.

⁶ Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: justina.ziegler.geografia@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7534-8157>.

RECHERCHE SUR LES JEUNES EN GÉOGRAPHIE ET DANS LA VILLE DE SANTA MARIA-RS

Résumé

L'article traite de recherches liées aux projets d'initiation scientifique développés au sein du Laboratoire de l'Espace Urbain de l'Université Fédérale de Santa Maria-RS, en 2020. Ces recherches s'inscrivent dans le cadre du Projet Universel de Recherche CNPQ intitulé « Jeunes et Territorialités Multiples : différences socioculturelles dans des contextes de villes moyennes et de métropoles brésiliennes ». Il s'agit de débattre, du point de vue théorique de certains résultats produits, principalement la relation entre la jeunesse et la ville, la jeunesse en tant que phénomène social et géographique, la condition de la jeunesse et les perspectives d'études intersectionnelles, la sociabilité des jeunes et l'église, les interactions des jeunes en période de pandémie. Il présente l'évolution méthodologique de la recherche, et tout particulièrement la constitution de groupes de discussion et la production d'une géographie narrative. Il présente quelques récits de jeunes participant aux groupes de discussion et débat autour de leur maintien en relation avec la théorie présentée.

Mot clés: Jeunesse. Géographie. Ville de Santa Maria-RS. Géographies narratives. Groupes de discussion.

1 Introdução

Tem sido crescente o interesse por pesquisas que envolvam as juventudes brasileiras. É notório que isso não ocorre somente no âmbito acadêmico e sim em diversas esferas sociais, se inserindo também no debate das políticas governamentais. Por outro lado, as representações produzidas nestas discussões têm se transformado intensamente ao decorrer dos anos. Além de suas diferenças temporais, os contextos pelas quais as expressões juvenis ganham vida são diversos. Na Geografia são inúmeros pesquisadores e pesquisadoras que se dedicaram ao tema, em especial Nécio Turra Neto, em sua dissertação de mestrado sobre territórios e identidades punks em Londrina (2001) e sua tese de doutoramento sobre territórios e redes de sociabilidade juvenis em Guarapuava-PR (2008), assim como a tese de Nola Patrícia Gamalho (2015) sobre práticas e representações espaciais dos jovens do bairro Guajuviras em Porto Alegre-RS.

Desde o ano de 2018, professores de diferentes universidades brasileiras, componentes da rede de debates acadêmicos sobre múltiplas e microterritorialidades nas cidades, têm se dedicado às pesquisas sobre representações, experiências, vivências e interpretações juvenis a respeito de seus espaços cotidianos nas cidades de Rio de Janeiro, Porto Alegre, Ponta Grossa-PR, Presidente Pudente-PR e Santa Maria-RS. Estas pesquisas fazem parte do desenvolvimento do projeto edital Universal CNPQ denominado “Juventudes e Múltiplas Territorialidades: diferenças socioculturais em contextos de cidades médias e metrópoles brasileiras”. Notamos que os debates geográficos a respeito das juventudes abordam, em especial, como as cidades, e por consequência as especificidades de (partes) do espaço urbano, são praticadas, experimentadas, percebidas e representadas por diferentes grupos

juvenis e suas formações de sociabilidades. Os estudos partem de uma interrogação sobre como os jovens se apresentam individual e coletivamente nas cidades na contradição entre uma suposta condição social que os definem como grupo social e suas múltiplas formas de apresentações estéticas, de seus comportamentos e sentidos de suas identidades. Além de estabelecer análises sobre como os espaços sociais são produzidos, em uma crítica sobre as condições de protagonismos, mas, também, de marginalizações, pela juventude, é marcante a necessidade de entender os diferentes fenômenos espaciais urbanos instituídos por diferentes marcadores (sociais e espaciais) de juventudes, como suas relações de classes sociais, gênero, racialidades e etnicidades, assim como relações com partes diferentes da cidade e de seus bairros, suas topofilias e expressões em relação às diferentes identidades inerentes da mistura entre eventos comunicacionais de escalas locais atravessadas pelas globais.

Em virtude disso, observou-se a necessidade de estudar as juventudes de Santa Maria, Rio Grande do Sul, na perspectiva de ampliar as possibilidades de interpretações que grupos de jovens fazem de seus contextos imediatos, de suas escolas, de seus bairros e de sua cidade. Este foi o interesse do projeto de pesquisa de iniciação científica denominada “Juventudes e suas múltiplas territorialidades”, desenvolvido pelo grupo de pesquisa “Espacialidades Urbanas” através dos editais FIPE (Fundo de Incentivo à Pesquisa) e FIEEX (Fundo de Incentivo à Extensão) da Universidade Federal de Santa Maria e Departamento de Geociências. Este projeto manteve o esforço de se aproximar e constituir interlocuções com dois grupos de jovens da cidade: um grupo de jovens estudantes do bairro Nova Santa Marta, periferia urbana da cidade, e outro um grupo de universitários estudantes da própria UFSM.

A pesquisa procurou entender, em primeiro momento, como jovens de uma ocupação urbana da cidade interpretavam seus contextos cotidianos imediatos, em uma perspectiva territorial de produção do próprio bairro e de seus sujeitos, como um espaço específico de moradia de baixa renda da cidade, assim como atingidos por histórias de situações de políticas urbanas pela luta pela moradia. Neste sentido, articulamos esta discussão com o próprio sentido da juventude dada pelas narrativas dos (as) jovens moradores (as) do bairro Nova Santa Marta, principalmente pela instituição de um grupo focal para estabelecer possibilidades de diálogo entre eles (as) e pesquisadores (as), agentes extensionistas e lideranças do Movimento Nacional de Luta pela Moradia (MNLN). Em segundo momento, organizamos procedimentos de diálogo entre pessoas jovens universitárias no debate sobre como percebem as suas condições juvenis e suas relações com a cidade que, para elas, existem por estarem em uma fase de formação universitária, mas que, por esta fase, inúmeros sentidos singulares de relações sociais se estabelecem a respeito da cidade. A cidade de Santa

Maria-RS é conhecida por abrigar jovens provenientes de outras cidades para estudarem em suas diferentes universidades, em especial a Universidade Federal de Santa Maria-RS. Sabemos que este deslocamento entre cidades, cuja partida é, na maioria das vezes, das cidades menores, e do afastamento com a família permite que os (as) jovens se posicionem em relação a diferentes obrigações, mas, também, a outras possibilidades de se socializarem em virtude de sua própria condição juvenil em uma cidade que, a princípio, é conhecida por oferecer serviços e possibilidades de consumo, lazer e outras interações sociais para juventude.

Cabe salientar que o ano de 2020, período em que foi desenvolvido o projeto, foi singular em virtude das alterações das experiências cotidianas de toda a população (brasileira e mundial) em virtude das necessidades de isolamento frente à pandemia e a COVID-19. Causou-nos, assim, a inevitável necessidade de entender o processo de pesquisa em virtude das mudanças ocorridas nas atividades de trabalho, estudo e lazer frente ao isolamento. Neste sentido, este texto irá demonstrar como os trabalhos de pesquisa foram constituídos para entender situações e contextos cotidianos urbanos juvenis de Santa Maria-RS, mas também como se articularam estratégias de aproximação e diálogo entre jovens no período de pandemia. A questão do isolamento também se apresentou como um debate importante a ser demonstrado, principalmente nas transformações das relações dos (as) jovens pesquisados com a cidade, na tentativa de entender suas subjetividades a partir de estimular suas interpretações sobre fatos marcantes de suas experiências individuais e com suas relações de sociabilidades.

2 Debates sobre estudos das juventudes na Geografia

Como observamos na introdução, este artigo é proveniente das discussões estabelecidas na pesquisa sobre as realidades de dois grupos de jovens da cidade de Santa Maria-RS, em 2020. Os grupos de jovens pesquisados (as), então, foram constituídos em virtude das seguintes situações: um debate sobre as diferenças juvenis entre jovens que já estavam frequentando a universidade; de jovens que vivem a condição de classe baixa em uma situação muito singular na cidade, que representa habitar em uma ocupação urbana (e de todos os sentidos que esta ocupação tem em relação a um debate sobre democracia da moradia urbana); uma retomada de uma série de estratégias sobre entendimento das mudanças das experiências juvenis com a cidade e como seu cotidiano em virtude da pandemia.

Vamos, então, discutir questões teóricas relacionadas a estes problemas da pesquisa, em específico como se dá o debate sobre juventudes em relação à Geografia; a questão da relação com a igreja, uma vez que muitas das jovens, que compartilharam a pesquisa em 2020, do bairro Nova Santa Marta, se consideravam evangélicas e frequentadoras dessas igrejas; a relação da juventude com o conceito de interseccionalidade, uma vez que a relação de gênero e suas diferenças foram marcantes também no processo desenvolvido; a necessidade de entender a relação entre jovens e a cidade, em específico Santa Maria-RS, mas, também, a cidade como conceito genérico de estar entre a forma urbana; e, finalmente, a questão das experiências juvenis frente à pandemia em 2020.

2.1 Juventude como fenômeno social e geográfico

As juventudes (usa-se aqui plural, devido à pluralidade dos (as) jovens e de suas vivências) dão significados aos lugares com base em suas trajetórias, suas relações sociais e suas práticas socioespaciais (GAMALHO, HEIDRICH, 2012), como lugares frequentados ou não frequentados. À vista disso, são os (as) jovens pertencentes a um fenômeno social de influência do espaço e sobre o espaço. O que com isso pretende-se afirmar? Os (as) jovens acabam por adaptar suas vivências espaciais conforme os espaços de alcance, assim como o espaço ganha significados a partir dessas vivências e pelos “olhares” desses (as) jovens. Os espaços de alcance seriam os espaços de acesso, por exemplo, espaços públicos como praças, que são muito frequentados pelos (as) jovens moradores (as) de periferia, visto que não encontram muitas barreiras socioeconômicas para ali se estar. Neste contexto é possível vivenciar múltiplas interações atravessadas justamente pelo frequentar a praça como espaço público, como a construção de novas amizades e, simplesmente, “ser visto” (GAMALHO, 2020).

Pensar a juventude como um fenômeno social, nesse trabalho, é pensar a juventude como um grupo representado socialmente e como isso perpassa vivências individuais. Seres individuais são representados por um momento de vida em que lhes é definido como a juventude, relacionado a um intervalo de idade e de como isto permite inferir funções, papéis, atributos e aspectos psicossociais. Pessoas, nesse momento de vida, são atingidas por percepções cotidianas e pertencentes ao senso comum sobre o que é juventude – neste caso, um momento da vida relacionado com comportamentos de desregramento (ABRAMO, 1997) - e, ao mesmo tempo, é sugestionado que vivem esta etapa da vida de forma semelhante, ou

não, a esse senso comum. Ademais, essas representações acabam interferindo sobre quem são os (as) jovens e como estabelecem suas experiências no espaço vivido.

Nessa perspectiva, a juventude é também um fenômeno espacial e geográfico e está relacionada com os lugares possíveis de se ocupar, assim como com situações de exclusão e retenções espaciais. Para exemplificar, têm-se jovens de periferia que, ao possuírem pouca renda, acabam por não ocupar espaços pagos. Os (as) jovens trabalhadores (as) acabam se esforçando muito para economizar e investir seus rendimentos em possibilidades de socialização pelas quais se paga e que são divulgadas socialmente como importantes para se viverem a vida juvenil. Neste sentido, a própria condição específica da juventude faz parte também dos fenômenos de diferenciação social relacionados à vieses de se ampliarem os espaços de consumo. Os (as) jovens trabalhadores (as) também poderão se diferenciar neste fenômeno por, talvez, serem negados (as) ao que seriam as formas de experiências que os definiriam como jovens, uma vez que seu tempo livre é restrito, ao contrário do que se pensa em ser jovem. Podemos pensar, então, que existem diferentes juventudes e que muitas delas não vivem o que seria uma condição juvenil produzida em um tempo histórico e em situações espaciais. Ser jovem, então, depende dos diferentes posicionamentos sobre sobrevivência na sociedade moderna e como isso se aproxima ou não de certas representações da juventude, assim como seus contextos espaciais de vida marcam suas experiências.

2.2 Sociabilidade juvenil na igreja

Sofiati (2009) relata que a juventude é algo que vem sendo amplamente discutido na academia. Por outro lado, existem ainda condições juvenis que precisam ser visibilizadas pelos estudos acadêmicos, em especial pela Geografia. Um exemplo disso são as juventudes que se sociabilizam em virtude das religiões e por frequentarem igrejas. Na pesquisa realizada em 2020, desde a primeira iniciativa de divulgação e produção de formulário de perguntas diretas sobre a vida de jovens do bairro Nova Santa Marta em Santa Maria-RS, observou-se que a maioria das jovens mulheres, que responderam o questionário e participaram posteriormente de etapas diferentes da pesquisa, frequentavam a igreja, mais precisamente as igrejas cristãs e evangélicas. Isso se apresentou como uma surpresa aos processos de pesquisa inicialmente intuídos e demandou uma atenção especial.

É possível relatar que há diversos movimentos juvenis organizados em diferentes instituições sociais e nas igrejas isso não é diferente. De certa forma, a juventude tem uma grande importância para a comunidade da religião e exerce um papel importante aos

movimentos religiosos. Cecília Mariz (2005) argumenta sobre como a juventude é tratada em relação a algumas religiões cristãs evangélicas, quase sempre pensando o potencial de “bondade” atrelado ao fato de se idealizar juventude como espontaneidade e pureza, esta etapa atribuída a uma visão romântica de uma fase da vida. Segundo a autora, o (a) jovem é ancorado (a) como uma figura de um herói (ina) belo (a) e corajoso (a). A imagem e o conceito de juventude também podem estar atrelados com o fato do (a) jovem poder estar relacionado (a) com atos heroicos e virtuosismos religiosos, que buscam a santidade e também a revolução, chegando até a morrer por uma causa.

Mariz (2005) também relata que é comum nas comunidades religiosas haverem grupos de jovens que se relacionam entre si. Nas igrejas evangélicas há as células e acampamentos que são voltados apenas para jovens, como uma forma de manter a interação entre eles (as). Há grupos que também são chamados de missionários (as) e que buscam encontrar novas pessoas para que se convertam a uma determinada religião. Há também um sentimento de acolhimento e pertencimento muito grande entre os (as) jovens e as igrejas, que, por muitas vezes, tem ali seu único círculo de amizades. Por esta relação de acolhimento e de promoção de sociabilidades juvenis que se estabelecem as táticas de fomento dos sentimentos religiosos importantes para uma igreja em específico.

Os (as) jovens na sociedade contemporânea podem ser definidos (as) de diversas formas como se tais definições fossem variáveis independentes em relação a um conjunto que é a juventude. Existe um demarcador muito forte desta condição que se revela por ser um período da vida, descrito como muito rápido, mas que tem forte impacto na constituição da personalidade adulta futura. Os valores jovens podem variar muito, mas para aquele (a) jovem que segue uma religião é bem mais complexo, tendo em vista que, muitas vezes, seus posicionamentos em relação à dedicação religiosa, para seguir uma doutrina religiosa, rompe um conjunto de representações sobre os costumes definidos para a maioria das pessoas que estão em sua faixa etária. A vida na igreja, por exemplo, é contraditória aos pressupostos sociais que definem juventude relacionados à rebeldia ou a um período em que se possa viver livremente diferentes sensações humanas, muitas delas tidas como inconsequentes. Ao mesmo tempo em que este caráter de “inconsequência” e “irresponsabilidade” é denotado socialmente às vidas juvenis, causando muitas desconfianças em relação a esta população, é contraditório observar que jovens religiosos (as) acabam também sendo estranhados (as) entre outros grupos juvenis e, até mesmo, entre adultos, porque, talvez, se afastem daqueles pressupostos de comportamento socialmente atribuídos aos (às) jovens. Isso é um fator importante em se

considerar juventude: seu vínculo de sociabilidade com as religiões, em especial as evangélicas, como apareceram no caso de nossa pesquisa em 2020.

Neste sentido, para se identificar com uma sociabilidade e/ou identidade juvenil específica se procede sempre um processo de rompimento com a própria noção abrangente de juventude e com o que se espera sobre um conjunto de sentidos e comportamentos de ser jovem. Isso não é diferente para aqueles e aquelas jovens que decidem se sociabilizar nas igrejas, porque isso implica, principalmente frente a outros jovens, processos de estranhamento, no sentido que rompe, inevitavelmente, com os parâmetros revolucionários ou contestadores socialmente construídos sobre como ser jovem. A “rebeldia” juvenil, causa de tantos temores e desconfianças em relação à juventude, é quebrada em relação à condição pacificadora e de responsabilidade rígida doutrinária de ser e estar vinculado a uma religião ou igreja, mas isso, por incrível que pareça, também gera outras desconfianças porque se afasta de um sentimento contraditório de, ao mesmo tempo, negar, mas admirar os pressupostos revolucionários juvenis.

Por outro lado, como em qualquer sociabilidade juvenil, se sentir entre uma coletividade e compartilhar de certos aspectos diferenciados em ser jovem causa autoafirmação individual pela agregação a uma identidade e um conjunto de afazeres de um grupo. Isso acaba constituindo maneiras de lidar com as adversidades, estranhamentos e desconfianças cotidianas. A religião para o (a) jovem possui um significado muito intenso. Toda sua atividade não se resume apenas aos encontros, mas é uma forma de vida que o (a) jovem possui e mantém. Sua concepção de mundo se altera profundamente e se entender enquanto uma pessoa que possui uma religião é algo que ultrapassa apenas uma concepção rasa sobre religião, abrindo espaços para novas perspectivas e experiências individuais entre uma coletividade.

2.3 Juventudes e interseccionalidade: a condição juvenil

Como argumenta Crenshaw (2002, p. 177) “a interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois eixos de subordinação”. Podemos pensar tal categoria como uma ferramenta metodológica e teórica capaz de perceber e trazer à discussão a inseparabilidade que existe entre as discriminações, tais como o racismo, o machismo, a lgbtfobia, o preconceito de classe, a misoginia, etc. A interseccionalidade faz pensar sobre como as articulações decorrentes dessas discriminações são capazes de colocar, por exemplo, as mulheres negras

mais vulneráveis às discriminações, por viverem a intersecção do machismo com o racismo. Também podemos pensar a intersecção do machismo somado à heteronormatividade, caso a mulher em questão não se encontre nos padrões quanto à orientação sexual e/ou de identidade de gênero.

A visão interseccional também poderá ser útil para entender as condições diferentes das juventudes e seus cotidianos. As mulheres não vivenciam o sexismo de forma idêntica, assim como homens e mulheres não experienciam o racismo de forma igual (CRENSHAW, 2002). Existem diversas questões que podem ser analisadas à luz do pensar interseccional, dentre elas o acesso à moradia, assim como a chefia desta moradia. Nesse escrito, utiliza-se da “lupa” da interseccionalidade para pensar também a juventude. As e os jovens são sujeitos que vivenciam de forma distinta o espaço e que são perpassados pelas diferentes formas de subordinação. Uma análise interseccional relacionada à classe social e jovens moradores (as) de periferias das cidades acaba permitindo especificar a experiência social da juventude que, muitas vezes, está atrelada a necessidade da dedicação, desde cedo, ao trabalho (GAMALHO, 2020). As (os) jovens negras (os) moradoras (es) de periferia possuem perpassadas pela sua juventude a questão de classe entrelaçada com a questão racial. Dando ênfase à categoria de gênero, podem-se perceber as jovens negras e os jovens negros vivenciando o espaço de forma distinta das jovens brancas e jovens brancos, experienciando a intersecção das questões de gênero com o racismo.

Assim sendo, a análise sobre o fenômeno da juventude nos chama a pensar diferentes formas de experimentar esta representação social e procurar maneiras específicas de compreensão que nos permitam acessar a realidade daqueles (as) com que queremos debater este fenômeno em nossas pesquisas. É importante entender os diferentes atravessamentos de identidades sociais que produzem situações de vida diferentes para múltiplos (as) jovens, assim como estas singularidades também acabam constituindo imagens e experiências contrastantes em termos de espaço social da cidade. Podemos pensar que a vida de um (a) jovem, em específico, poderá se afastar muito em termos do que tenhamos de representações sociais sobre as juventudes. Neste caso, esta pessoa seria efetivamente um (a) jovem? Como tais jovens se reconhecem e como poderão apresentar-nos sua realidade como uma diferença juvenil? Existe um anseio muito grande dos (as) jovens serem efetivamente o que a sociedade os (as) demandam em termos de condição juvenil, por outro lado, suas próprias condições socioespaciais os (as) negam tais experiências. Saber e apresentar estas múltiplas formas de viver-se a juventude é dar visibilidade sobre como estratégias juvenis são mobilizadas para

superação de suas adversidades e como por estes processos ressignificam a própria condição juvenil.

2.4 Juventude e a cidade

Bourdieu (1983, p. 113) argumenta o seguinte: “o que quero lembrar é simplesmente que a juventude e a velhice não são dados, mas construídos socialmente na luta entre os (as) jovens e os (as) velhos”. Esta argumentação do autor nos leva a entender que, por um lado, a juventude se apresenta como um fenômeno social referente a um dado e este dado é posicionado em relação a uma etapa da vida, principalmente em um período relacionado à idade, mas também em um campo de disputas que tem por um lado um sentido social de hegemonia sobre a reprodução das perspectivas dos (as) adultos e necessidade de protagonismo de pessoas jovens. Dessa maneira, o projeto desenvolvido pelo grupo de pesquisadores (as) que escreve este artigo, em 2020, não teve como foco principal selecionar apenas jovens de idades específicas e restritas: obtivemos a participação de diferentes jovens com idades entre 14 a 27 anos, os (as) quais mostraram seus pontos de vista de alguns temas e como eles (elas) se relacionam, diferentemente, em relação as suas condições múltiplas juvenis, e em contraste com um mundo de adultos, e com o espaço urbano da cidade de Santa Maria-RS.

Os fundamentos das solidariedades juvenis não se encontram na adesão ao já dado, mas na capacidade e na responsabilidade de escolher (CARRANO, 2003, p. 118). Como tendência, afirma-se tanto a individuação do social e a hipersocialização da experiência individual, como fenômenos atravessados ao entendimento de juventude. Dessa maneira, pode-se entender que os (as) jovens modificam a cidade e passam a desenvolver relações de identidade e pertencimento nesses espaços urbanos, tanto por serem socialmente “super” entendidos como jovens (no sentido de um dado social único), mas também pelo atomismo de suas experiências variadas. Neste sentido, as vivências dos (as) jovens com o bairro de origem e ambientes que mais frequentam tem relação com a construção de personalidade e percepção diversas do espaço urbano, mas também posicionada com o simples fato de ser jovem. Neste sentido, podemos pensar a cidade como um conjunto diverso de realidades relacionadas aos grupos de classes sociais distintas, além de outros aspectos culturais e identitários compartilhados de forma singular, como a juventude e suas múltiplas realidades.

Determinados bairros podem ser explicados pela forma com que a população se realiza perante as suas atividades e as formas de existir na cidade, em relação a um agregado

caracterizado por diferentes marcadores sociais. Além disso, cada sujeito morador de um bairro da cidade também é atravessado por estes diferentes marcadores. Um (a) jovem percebe, representa e experimenta a cidade tanto sendo marcado (a) pelas características sociais coletivas de seu bairro de habitação, assim como pelos atributos sociais pelo qual seu corpo (e personalidades) são representadas socialmente. É assim que o espaço social também influencia a condição juvenil e de como um (a) jovem vive a experiência urbana como uma totalidade.

O espaço urbano é definido como uma unidade de análise, consistindo em um conjunto distinto de formas, atividades e população conjuntamente reunido no espaço (CLARK, 1991, p. 37). Diante disso, tanto o bairro Nova Santa Marta como a Universidade Federal de Santa Maria são considerados (partes singulares de/do) espaços urbanos (da cidade de Santa Maria-RS), nos quais muitos dos jovens participantes do projeto têm vínculos diferentes e, por eles, também se posicionam de forma plural em relação à totalidade da cidade. Ademais, o conceito de espaço geográfico é definido por Santos (2006, p. 39) como “um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá”. Esta citação é importante para pensarmos que as formas urbanas (objetos) são condições da produção material e do acúmulo técnico e de valorização desigual do espaço das classes sociais na cidade, o que diferencia sua população. Por outro lado, mesmo sendo uma totalidade (um conjunto indissociável), a realidade urbana é contraditória e, assim, é diversa em termos de ações estabelecidas no tecido social. Nesse sentido, é possível ressaltar que as vivências cotidianas e os vínculos dos (as) jovens com os locais mais frequentados fazem parte da construção da individualidade e da originalidade do próprio indivíduo.

Segundo Berdoulay (2002), as perspectivas contemporâneas que articulam espaço e juventudes desenvolvem-se sob o viés do reconhecimento da importância dessas práticas para a constituição de espaços mais plurais, cidadãos, educativos, em co-fabricação entre as juventudes e os espaços, o que, em associação à teoria de produção do espaço, é abordada como coprodução. Assim, a produção do espaço urbano não pode ser apenas entendida por aspectos relacionados à reprodução (espacial) desigual do capital e as distinções de populações de classes sociais diferenciadas na cidade. Existe uma “coprodução” do espaço de relações diretas definida por distintos grupos de sujeitos sociais individual e coletivamente marcados por diferentes atributos pelos quais plasam suas experiências urbanas diferenciadas. Pelas diferentes existências de identidades sociais urbanas e seus espaços de experimentação específica do mundo urbano se tecem políticas cotidianas de luta pela

presença social singular na cidade. Isso é uma potência de realidade que implica o próprio reconhecimento social de diferentes juventudes, ou seja, por suas disputas em existirem e instituírem seus espaços de convivência na cidade.

Dessa forma, é fundamental o estudo da juventude relacionado aos espaços urbanos, tendo em vista que é uma prática de grande relevância para a própria produção do espaço diverso e contraditório na cidade. Por outro lado, o potencial político de ocupação jovem dos diferentes espaços da cidade institui projetos sociais para a democracia em prol do respeito à pluralidade de culturas e identidades na ampliação do cosmopolitismo urbano, sintoma de encontro e aprendizado com as diferenças sociais.

2.5 Juventude e pandemia

No ano de 2020 vivemos uma pandemia de âmbito global e como consequência do isolamento social proposto, como forma de conter a pandemia, a relação da juventude com os lugares frequentados na cidade e as relações de sociabilidades modificaram-se. O vírus da SARS-CoV-2 assolou o mundo no ano de 2020 e em pouco tempo mudou o cotidiano todas as pessoas. Segundo Pedroso e Gisi (2020), o isolamento social afetou os comportamentos, a saúde mental e elevou os níveis de ansiedade, estresse e depressão, sendo difícil não se deixar conduzir pelos “gatilhos emocionais” postos pela mídia através do bombardeio de notícias ruins acerca da situação no Brasil e no mundo. Muitos jovens estudantes tiveram suas rotinas drasticamente mudadas por conta da pandemia e suas sociabilidades extremamente afetadas.

Como vimos, uma das potências da juventude são as suas políticas de ocupação dos espaços públicos e de apresentação de suas diferenças estéticas e comportamentais. O compartilhamento coletivo de espaços de sociabilidades fortalece a determinação espontânea das diferenças de identidades individuais juvenis. Este compartilhamento, atualmente, pode também ser estabelecido pelos meios virtuais, mas também implicam se fazer presentes pela cidade. São pelas trocas coletivas que os/as jovens se afirmam e constroem-se como sujeitos políticos e de produção de culturas diferenciais no urbano. Isso reverbera como projeto individual de vida e como importante a própria compreensão e interpretação de si da pessoa com o mundo. O isolamento social, assim, repercutiu muito fortemente na experiência juvenil.

Uma questão que deve ser levada em consideração também é o fato que a ausência do toque e do contato de proximidade, algo importante na sociabilidade, repercutiu fortemente nas alterações drásticas das experiências juvenis e isso acabou gerando muitas inseguranças

em virtude de suas impossibilidades de dialogarem coletivamente sobre si mesmos. Nascimento et al. (2020) alega que a presença e o afeto assumem papéis muito importantes para os (as) jovens nas suas experimentações e formação como sujeitos sociais. É pelo sentimento de grupo que muitos (as) jovens se protegem das inseguranças sociais em um tempo de vida que muitas incertezas são construídas pelas demandas que a iminência do mundo adulto projeta. As sociabilidades servem como “linhas de fuga” a tantos compromissos que se projetam e também por elas muitas se asseguram de suas autenticidades. O isolamento social alterou toda a dinâmica cotidiana dos (as) jovens em termos da construção de suas estratégias de se posicionarem perante suas necessidades de formação para o mundo adulto, assim como por suas táticas de escaparem autenticamente dessas demandas. O próprio âmago diferencial do ser jovem foi afetado em suas contradições.

Segundo Nascimento et al. (2020), as rotinas e planejamentos sofreram uma brusca alteração e, com todas as incertezas que acabaram se instaurando, ocorreu à intensificação dos receios e a abertura para adoecimentos e estados psicológicos alterados. As incertezas que apontam a formação para o mundo adulto fazem parte das experiências juvenis e com as mudanças trazidas com a pandemia estas incertezas aumentaram, por consequência, as ansiedades em superá-las. Tais angústias reverberam na incapacidade de compreensão sobre si mesmos, uma vez que também as sociabilidades se transformaram muito vinculadas somente aos contatos virtuais. Por um lado, muitos (as) jovens já tinham os meios das redes sociais como formas de se compreenderem, mas por outro, as sociabilidades por entre o espaço urbano, objetos de compartilhamento e resolução coletiva dos dramas da juventude, cessaram e, com isso, uma possibilidade de encontrar caminho de (auto) compreensão perante tantas incertezas. A busca de encontrar novos meios de aprendizado coletivo sobre si mesmo foi drástica em virtude do isolamento social. Muitos não conseguiram e tiveram que manter sozinhos a compreensão de suas angústias. Isso alterou fortemente as experiências juvenis.

3 Materiais e Métodos

Como argumentamos na introdução, as discussões deste artigo se referem à pesquisa sobre experiências juvenis no espaço urbano de Santa Maria-RS, vinculada ao Laboratório de Espacialidades Urbanas (LabEU) e aos projetos de iniciação científicas aprovados perante os editais FIEX e FIPE da Universidade Federal de Santa Maria, em 2020. O grupo de pesquisadores (as) instituído foi de duas alunas de graduação em Geografia, um aluno de graduação em Engenharia Civil, uma aluna de doutorado em Geografia, uma líder do MNLM

do bairro Nova Santa Marta e o professor coordenador do LabEU. Todas estas pessoas que participaram da pesquisa representam os (as) autores (as) deste artigo. A proposta aqui explanada se atenta às relações dos (as) participantes na pesquisa com o cenário de suas experiências juvenis. Então, a metodologia se deu através de pesquisa qualitativa composta pela construção de grupos focais online realizando uma “geografia narrativa” (LINDÓN, 2008). O meio online foi escolhido devido à situação atual, isto é, situação pandêmica e da necessidade de distanciamento físico. Para que o (a) leitor compreenda o porquê da escolha de grupos focais, será necessário compreendê-los como metodologia de pesquisa.

Segundo Abreu, Baldanza e Gondim (2009), a metodologia de grupos focais utiliza entrevistas grupais não focadas em respostas individuais, mas em resultados que surgem da discussão resultante da interação grupal. Isso incentiva o posicionamento sobre o que outro participante trouxe à discussão. O concordar ou discordar complementa e mantém o assunto, levando ao alcance de mais opiniões que se acumulam em uma complexidade de resultados. Um grupo focal conta com um (a) moderador (a), além dos (as) participantes da pesquisa e pesquisadores (as), que pode ser, também, um (a) dos (as) pesquisadores (as). O (a) moderador (a) tem o papel de facilitar a interação do grupo, conduzindo e instigando as discussões. Também se pode contar com um (a) observador (a), que auxilia o (a) moderador (a) em seu papel, tomando nota de acontecimentos verbais e também não verbais (ABREU, BALDANZA, GONDIM, 2009). Outra estratégia que compõe a realização de um grupo focal tem-se a criação de um “roteiro” para que o (a) moderador (a) tenha sua tarefa de moderar facilitada. Ademais, Gondim (2003) traz os grupos focais como investigação qualitativa.

No caso dos grupos focais utilizados na pesquisa que originou este artigo, esses contaram com ambos os apoios, moderador e observador. Duas bolsistas do projeto realizaram essas ações, sendo uma norteadora das discussões através de questões anteriormente escolhidas e outra responsável por anotar aspectos considerados importantes. Através da constituição de dois grupos focais utilizando o meio online, construímos geografias narrativas, ou seja, uma metodologia qualitativa geográfica que leva em conta, como Lindón (2008) argumenta, o espaço concebido como imaterialidade associada ao material. Nesta perspectiva, visamos compreender as vivências espaciais dos sujeitos através de suas próprias narrações (LINDÓN, 2008).

Um aspecto que a geografia narrativa trabalha é de que o espaço experienciado e/ou vivido vai além do material e do mensurável. Dessa forma, “el desafío se perfila en encontrar – en el contexto de cada investigación - formas para lograr la comprensión de la vivencia espacial del otro.” (LINDÓN, 2008), isto é, formas de perceber através da narrativa de

experiências individuais vivências entrelaçadas por aspectos que atingem o grupo, mesmo narradas individualmente. As narrações foram constituídas a partir das experiências coletivas estabelecidas pela pesquisa pela metodologia do grupo focal. Os encontros se estabeleceram via reuniões online utilizando-se de aplicativos como *WhatsApp* e *Google Meet*. Foram desenvolvidos roteiros de discussões que permitiam a exposição livre de cada participante e, também, intervenções de outros no momento das falas variadas. A cada questão desenvolvida novos argumentos iam se acumulando para dar sentido ao que se queria debater e, assim, aprofundar as análises coletivas do assunto estabelecidas tanto por pesquisadores como pesquisados. As interferências entre participantes permitiram apurar cada vez mais cada debate, tornando rico o rol de informações, além do estabelecimento do aprendizado conjunto.

Sobre a constituição dos grupos focais, de início foram realizadas reuniões entre os (as) participantes/colaboradores (as) do projeto com o objetivo de pensar estratégias para a realização, da melhor forma possível, perante as atuais condições pandêmicas, a adaptação para o meio online. Dessa forma, partiu-se para a criação de um grupo focal escolar para trabalhar de forma online: através de voluntários professores foi enviado um formulário de inscrição para alunos (as) de escolas do bairro Nova Santa Marta. No questionário, obtiveram-se treze inscritas (todas as inscritas foram meninas). Durante o período de inscrição, o grupo de pesquisadores (as) (bolsistas, coordenador do projeto e representantes do Movimento Nacional de Luta pela Moradia) organizaram um cronograma de atividades a serem desenvolvidas por meio online.

Após o primeiro encontro com as inscritas, a comunicação com essas participantes foi ficando escassa e duas delas informaram aos (às) bolsistas que estavam sobrecarregadas com as atividades online propostas pela escola. Diante disso, organizou-se um segundo grupo focal, um grupo com jovens colaboradores (as) universitários (as) e meninas da Nova Santa Marta. Para esse segundo momento da pesquisa-extensão, organizamos uma programação com assuntos a serem discutidos e a partir deles os participantes narraram aspectos relevantes de suas experiências juvenis. Tais narrativas foram desenvolvidas via meios de mídias e redes sociais através de discussões sobre as percepções que os (as) próprios (as) jovens do grupo estabeleceram sobre situações vividas e as significações que construíram a partir delas. Com esse segundo grupo focal, composto por jovens universitários (as), as discussões foram divididas entre as temáticas durante o ano de 2020: 1º “A Condição Juvenil”, no período de discussão 02/10 até o dia 09/10; 2ª “Condições de Jovens na quarentena”, no período de discussão 12/10 até o dia 16/10; 3º “O jovem e a cidade”, no período de discussão 19/10 até o dia 23/10; 4º “Juventudes: identidades e diferenças”, no período de discussão 26/10 até o dia

30/10. Todas as discussões foram realizadas. Depois das atividades foram emitidos certificados de participação para cada jovem.

4 Geografias narrativas de jovens da cidade de Santa Maria-RS

Em primeiro momento iremos argumentar sobre o próprio processo da pesquisa que foi obrigada a se adaptar no ano de 2020, devido à situação da pandemia. A pesquisa que originou este artigo mantinha o objetivo principal de atuar diretamente nas escolas do bairro Nova Santa Marta em Santa Maria em Santa Maria-RS, para entender as experiências espaciais de jovens estudantes da periferia urbana da cidade. Também queria estabelecer uma parceria de diálogo entre lideranças do Movimento Nacional de Luta pela Moradia e tais juventudes, principalmente na instituição das representações relativas aos seus objetos de luta: a moradia nas ocupações urbanas de Santa Maria. No entanto, no início de 2020, depois do processo de aprovação do projeto nos editais FIPE e FIEEX (pesquisa e extensão) da UFSM, os processos tiveram que se adaptar ao ambiente online. Organizamos, assim, processos de contato com a juventude do bairro a partir da distribuição de um formulário de entrevistas diretas online, para começar a coletar algumas informações daqueles e daquelas que se interessariam em participar do projeto e, também, constituir um grupo focal de trabalho. Para isso, contamos com a parceria de professores da Escola Santa Marta e Marista, as duas localizadas no bairro.

Obtivemos aproximadamente 20 retornos, 13 inscritas e, efetivamente, 11 meninas decidiram que iriam continuar no projeto. A partir daí, organizamos um conjunto de atividades interessantes a serem desenvolvidas online, mas desde o primeiro contato notamos imensa dificuldade das meninas permanecerem e manterem-se nas salas virtuais de atividades e, pelo menos, participarem efetivamente. Foram dois encontros organizados via plataforma de *Google Meet* e atividades assíncronas de desenvolvimento de roteiro de entrevistas abordando aspectos interessantes para as juventudes, como questões sobre seus gostos musicais, as atividades de lazer, as perspectivas de identidades de gênero e sexualidades, as experiências com a cidade, o bairro e a escola (entre outros lugares, como a igreja, que apareceu muito nas discussões), etc. Durante dois meses de pesquisa contamos com estes dois encontros online e tais atividades assíncronas, também estabelecendo conversas esporádicas via aplicativo de *WhatsApp*.

No entanto, percebemos que o ambiente online causava interferências e quebra de contato e diálogo com tais jovens e muitas das meninas tinham enormes dificuldades em

participar dessas atividades, principalmente porque todas as suas vidas durante a pandemia estavam, como uma ruptura de cotidiano, já concentradas nesse tipo de ambiente. Além disso, a situação de vida na casa implicava uma série de outros compromissos de cuidado com irmãos mais novos, filhos (algumas já eram mães) e deveres de uma jovem mulher com a organização da residência. Seus próprios cotidianos escolares demandavam muitas responsabilidades de desenvolvimento de atividades também online. Tanto os processos formais das escolas como os afazeres domésticos dificultaram a capacidade de acompanhamento do que se demandava a tais meninas às atividades online do projeto. Mesmo assim, elas ainda se mantinham interessadas em meio a tantas dificuldades.

Os (as) pesquisadores (as) também estavam condicionados ao mesmo processo: notávamos que precisávamos continuar a pesquisa, mas também outras tantas responsabilidades online nos demandavam tempo e dedicação muitas vezes impossíveis de se dar conta. Não tínhamos, assim como estas meninas, possibilidades outras de conseguirmos descansar fora dos ambientes online: até mesmo nossas afetividades e sociabilidades precisavam destas plataformas. Como conclusão, percebemos uma ansiedade e preocupações constantes dar conta de uma série de responsabilidades que se aumentavam frente à tela do computador e celular que não conseguíamos, efetivamente, completar. Os sentidos de responsabilidades mostravam nossas falhas em conseguir empreender tudo o que se delineava como tarefas a serem atingidas e, aos poucos, o cansaço tomou conta. Nós, como pesquisadores (as), continuávamos nossos deveres, mas cremos que as meninas começaram a selecionar aqueles compromissos mais emergenciais: as atividades da escola e as atividades da casa. Percebemos que a condição de gênero foi crucial para o acúmulo de compromissos, pois tais meninas, nos dois encontros online via *Google Meet*, desdobravam-se entre os cuidados dos filhos e dos irmãos e a ajuda na limpeza das casas (notamos a simplicidade de suas residências pela tela do computador e dos movimentos intensos em poucos cômodos). Como resultado, tivemos que interromper nosso planejamento e buscar outro grupo de jovens para poder entender as experiências juvenis em Santa Maria-RS.

Organizamos, assim, via contatos pessoais das bolsistas do projeto, um grupo de jovens universitários (as) e um conjunto de debates temáticos via grupo de *WhatsApp* (conforme já demonstrado). Os debates foram muito produtivos e iremos construir algumas análises de narrativas desse grupo. Também contamos com duas meninas do primeiro grupo nesta atividade. Por outro lado, notamos algumas interrupções constantes nos ritmos de debate, principalmente pelas demandas que tais jovens tinham com a transposição de modo de atividades pedagógicas presenciais para remotas de seus cursos de formação universitária. A

principal percepção que obtivemos desta atividade é que a transformação de um cotidiano de possibilidades de sociabilização presenciais para online (tanto em relação às atividades de ensino, como a própria vida pessoal e de constituição de suas atividades destes jovens) causava uma série de ansiedades devido às faltas reais de interação social. O ambiente online transformou radicalmente suas vidas e cada vez mais aspectos de suas afetividades também eram produzidos via espaço virtual e distanciamento social. A ruptura radical teve suas consequências: impossibilidade do contato direto, dificuldades de organizarem suas atividades físicas, dificuldades de manterem suas relações afetivas, dificuldades de cumprimento das responsabilidades de formação e de vida social. A dificuldade de interação social afetiva e de cumprimento das obrigações levou a sérios problemas de ansiedade em virtude do sentimento de incapacidade. Isso foi narrado por muitos dos (as) participantes, mas também percebemos isso nas “entrelinhas” dos debates e, também, em nossa própria condição como pesquisadores (o grupo também era formado por 5 jovens universitários (as) que constantemente debatiam este sentimento de incapacidade em resolução dos compromissos: pessoais e de dedicação acadêmica em seu curso e na pesquisa). Esta mudança dos processos de experiências de vida foi o principal resultado da pesquisa, o que demandou sempre uma reavaliação sobre seu desenvolvimento e tomada de novos planejamentos. Tal situação nos mostrou uma necessidade de intensificação dos afazeres online e da dificuldade em relacionar vida pessoal e profissional (ou estudantil), ou seja, as demandas pautadas na vida do trabalho e da formação suprimiram muitas das possibilidades de descanso e sociabilidade descompromissada, o que causou grandes problemas psicológicos na juventude durante a pandemia.

Além destas percepções, iremos discutir alguns outros dados concretos obtidos no debate com estes grupos de jovens. No primeiro grupo focal identificou-se como principal eixo de debate a questão da relação das mulheres com a cidade e, mais especificamente, com o bairro Nova Santa Marta, seguido pelo debate que envolve a sociabilidade na igreja e na escola. Vale ressaltar que surgiram outros assuntos, porém, os já mencionados foram os maiores norteadores das discussões. Descrevendo brevemente, o bairro Nova Santa Marta, esse é resultado de uma ocupação iniciada em dezembro de 1991, ou seja, uma ação que derivou de um momento de pouca oferta de locação e que culminou em um aumento do preço do aluguel, ocasionando na inacessibilidade de moradia para a população pobre (FARIAS, 2011). Hoje, a ocupação se tornou um dos maiores bairros periféricos da cidade de Santa Maria-RS.

Na questão da relação mulher e cidade, Rita (nome fictício), moradora do bairro, foi quem mais demonstrou seus medos de andar nas ruas de Santa Maria, de utilizar o transporte público e de usar determinadas roupas, como “shorts” curtos. Percebemos com isso que as mulheres jovens ainda encontram dificuldades em circularem e se socializarem na cidade simplesmente por serem mulheres e estarem sujeitas a violências de cunho sexual dos homens. O espaço social da cidade ainda é um espaço de liberdade para os homens e não para as mulheres e ser jovem intensifica estas dificuldades de estarem em espaço público com tranquilidade. É importante dizer que a participante, ao trazer essas questões, sempre deu ênfase no fato de que esse medo era advindo do ser mulher e jovem. Agora, sobre o bairro em questão, o Nova Santa Marta, dividido em vilas da antiga ocupação, Rita afirmou:

Olha, eu gosto da cidade, sabe? Mas eu não queria continuar do mesmo bairro, eu acho que um dos meus primeiros objetivos é sair de casa, sair da vila e buscar novos horizontes além daqui entende?

Ademais, sobre frequentar outros bairros Rita disse:

Olha, eu não costumo ir no centro tanto assim com tanta frequência [...]. Eu vou mais na Tancredo Neves e Parque Pinheiro, porque ali dá pra sacar dinheiro, pagar conta, tem a lotérica ali, o mercado é bom ali também, essas coisas que são de livre acesso para gente entendeu? E eu corto o cabelo lá também.

A partir dessa fala, identificamos a privação de acesso de equipamentos urbanos, a exemplo os citados por Rita, como lotéricas e mercados, sendo necessário um deslocamento a outros bairros para realizar ações do cotidiano, como o ato de pagar uma conta ou comprar alimentos. Evidenciamos, assim, ainda as dificuldades de se morar em bairros periféricos da cidade de Santa Maria-RS e isso se relaciona ainda à continuidade das lutas das lideranças do Movimento Nacional de Luta pela Moradia (MNLN) do bairro. Por isso que o projeto contou com a participação dessas lideranças e, nesta apresentação de Rita, institui-se uma capacidade de debate sobre as próprias lutas do movimento, relacionadas aos interesses e dificuldades diretas dos seus habitantes, como as jovens moradoras e suas dificuldades em circular pelo bairro e também acessarem os serviços urbanos. Esta relação permitiu organizarem elos de interesses mútuos entre lideranças políticas e juventudes, objetivo principal do projeto. Interessante que este processo se deu vinculado às dificuldades de ser mulher na cidade, pois tanto as jovens relataram tais problemas como mulheres com a líder do MNLN também mulher. Percebemos que as dificuldades da vida são atravessadas pelas questões de gênero e isso promove uma obrigação à mobilização social, como o papel da liderança feminina no movimento social, assim como a necessidade dessas jovens participarem deste projeto para

falarem de tornarem visíveis suas condições de vida como mulheres. O distanciamento do acesso aos serviços básicos para estas meninas do bairro Nova Santa Marta se ampliou devido ao isolamento social com a pandemia e com a dificuldade de tempo em virtude da intensificação de suas atividades na casa, tanto em relação aos compromissos de cuidado com crianças mais novas, cuidado com limpeza e, entre tudo isso, as atividades escolares online.

Além disso, um assunto que foi bastante discutido foi à sociabilidade na igreja e na escola. Por diversas vezes, as jovens relatavam o acolhimento promovido pela igreja e, principalmente, de um grupo de jovens que compartilham os mesmos interesses e crenças. As jovens que deram seus depoimentos demonstraram o afeto que possuem com as igrejas e os seus grupos de jovens. Esta relação de sociabilidade foi destaque em seus diálogos. As igrejas, por muitas vezes, retratam a imagem de acolhimento e uma sensação de pertencimento na qual as jovens acabaram se apegando. Percebemos que este sentimento produz a igreja como um lugar de afeto para as jovens participantes do projeto, muito mais que a escola e que o espaço da casa. O acolhimento das igrejas e espaços religiosos foi colocado em pauta por inúmeras vezes na pesquisa, como pode ser notado nas falas de Dandara (nome fictício) elencadas a seguir:

Embora eu seja uma pessoa ativa, em certos lugares me senti sozinha e tal. Até na igreja às vezes.

Porém, ela afirma que é melhor que a escola, ao responder a questão “é mais fácil fazer amizades na igreja do que na escola?”

Sim, isso garanto, mas nem todas as vezes, mas é o melhor lugar.

E complementa:

É que assim, na igreja vamos por um só motivo: Deus/Jesus, lá seria o lugar onde não deveria haver discriminação e tal, só que infelizmente há igrejas onde tem, mas pela minha até agora não precisei passar por isso [...] É um lugar onde encontra-se conforto.

Conseguimos entender com este aspecto que as igrejas evangélicas têm substituído os outros espaços de sociabilidade juvenis comumente conhecidos, principalmente em bairros de periferia e para as mulheres jovens. Tais meninas relataram as dificuldades de se socializarem tanto na escola como em espaços públicos e privados do bairro e da cidade. Temos dois aspectos deste processo: por um lado existe o medo de circularem pelo bairro e pela cidade por serem mulheres, por outro lado notamos que a própria escola apresentou-se como um espaço de maiores possibilidades para promoção da sociabilidade masculina, dificultando as mulheres de se fazerem presentes, visíveis e constituírem seus grupos duradouros de amizade (durante muitas vezes elas relataram a escola como ambiente de desavenças, desconfianças e

disputas entre as jovens mulheres, principalmente em virtude das interferências negativas dos meninos, fazendo-se fragmentar as possibilidades de instituírem-se amizades). A própria família intensifica o cuidado com as mulheres jovens e faz com que suas vidas sejam vinculadas, por um aspecto de privação, mais a casa e a escola. Por outro lado, na escola elas não encontram tantas possibilidades de instituírem grupos de amizades como acontece com os meninos (que também, por serem meninos, encontram maiores possibilidades, não contando também com outros aspectos de violência, de sociabilidades em espaço público do bairro e da cidade em comparação com as meninas). É pela igreja, assim, que elas encontram possibilidades mais reais de sociabilidade, com consentimento das famílias, uma vez que este lugar é percebido pelos pais (tanto quanto para elas) como espaço seguro e acolhedor.

Quanto ao segundo grupo focal, com os jovens universitários e duas meninas do grupo anterior, os principais assuntos norteadores da discussão foram sobre suas condições sociais como jovens, além da relação entre aspectos de classes diferenciados nesta relação e a influência da pandemia em suas vidas. “O que é ser jovem?”; “Qual a condição juvenil?”; “Eu sou efetivamente jovem?”; “Existe um significado único compartilhado socialmente sobre ser jovem?” foram questões norteadoras do primeiro assunto. Nessa perspectiva, debateu-se sobre os estereótipos colocados sobre uma pessoa jovem, como já citado, com a ideia de ser um momento conturbado e de rebeldia. Nesse sentido, Maria (nome fictício) trouxe que:

Ser jovem tem muitos estereótipos socialmente, mas isso muda muito de acordo com o contexto em que as pessoas estão inseridas.

Através da fala de Maria, pode-se pensar que os (as) jovens são estereotipados de formas diferentes, de acordo com o contexto de vivência e existência. Nesse sentido, tem-se a juventude como uma condição social perpassada por interseccionalidades em um contexto espacial, sendo a visão interseccional útil para a compreensão dessas diferentes condições juvenis e seus diferentes cotidianos. A partir disso, pode-se pensar em condições de classes, em como um jovem vive sua juventude enquanto trabalha para ajudar no sustento da casa de sua mãe, ou, até mesmo, de sua própria moradia. Sobre isso, Florence (nome fictício) demonstra angústias:

Em um contexto aonde tem que se preocupar com sustentar a casa etc e [ser jovem] pra mim é muito a cada dia tentar me localizar, quem eu sou, o que quero pra mim, qual meu papel nessa sociedade.

Em complementação, Helena (nome fictício) afirmou que não há possibilidade de desvincular o ser jovem com a forma de vida, dessa forma, para ser jovem é necessário viver e

para viver se precisa de muita responsabilidade. Neste sentido, além da ideia social de rebeldia e de uma representação que a juventude é uma etapa da vida em que é permitido viver a vida pela liberdade de experimentar sem compromissos, notamos que os (as) jovens com quem conversávamos, tanto as meninas do bairro Nova Santa Marta, como os (as) universitários (as), nos demonstraram o contrário: são atravessados (as) por inúmeras responsabilidades de afazeres sociais que se referem aos seus cronogramas diários construídos por eles (elas) mesmos (as) como metas de conseguirem se inserirem de forma melhor nos compromissos da vida adulta no futuro próximo. Existe um sintoma de preocupação constante com as metas de formação e de busca de melhor inserção social relativos ao mundo do trabalho e de conseguirem se construírem como adultos em uma vida confortável no futuro. Isso causa sempre muita ansiedade e dúvida sobre certos aspectos relativos à representação de ser jovem. Ademais, levando em conta a pluralidade juvenil de acordo com os contextos específicos, e a possibilidade de cada jovem dar significados aos lugares com base em suas trajetórias (como discute GAMALHO e HEIDRICH, 2012), Lucas (nome fictício) trouxe que:

Esse significado [de juventude] se molda de acordo com a realidade social de cada indivíduo, pluralmente falando.

Sobre isso e trazendo tentativa de respostas sobre a indagação “o que é, afinal, ser jovem?”, Alexandre (nome fictício) complementa que:

Ser jovem é algo complexo e único em nossas vidas, não existe, pelo menos pra mim, um padrão de juventude ideal... cada um vive da sua forma e é também uma fase que dura anos, de descobertas e múltiplas interações.

Sendo assim, percebeu-se, com base nas discussões sobre “o que é ser jovem”, que, dentre esse grupo de pesquisa, nos dois grupos focais, não se tem um conceito que define as juventudes em suas totalidades. Embora o senso comum defina como uma fase transitória, ou através de um intervalo de idade, as juventudes são fenômenos complexos, muito além de uma transição. Ademais, tais jovens nos demonstraram narrativas críticas sobre quem são como jovens, uma vez que suas vidas se afastam efetivamente de um sintoma de “viver a vida de forma livre, sem responsabilidades e consequências de seus atos”. Tais jovens são atravessados por inúmeros medos e receios sobre quem são e como projetam suas vidas para um futuro próximo (como adultos) para que consigam, efetivamente, se estabelecerem da melhor forma em uma sociedade que os demanda capacidade de consumo e de conforto. Percebemos que existem muitas condições que os colocam em situações diferenciadas sobre “ser jovem” e tais condições refletem mais consciência sobre seus compromissos consigo

mesmo e com uma crítica social do que o viver uma vida com liberdade e de não ser consequente sobre seus atos. Os (as) jovens aqui nos demonstraram mais um sintoma de contradições sobre suas autenticidades como jovens e do que é demandado para eles como compromissos reais em relação a um mundo de adultos. Por estas contradições percebemos suas críticas consigo mesmos e com os contextos imediatos que vivem, além de suas inúmeras dúvidas sobre quem são e de como poderão efetivamente responder sobre as demandas socialmente construídas a eles (as) postas.

A pandemia de COVID-19 também fez parte dos resultados encontrados na pesquisa. A pandemia afetou e afeta com toda a certeza a sociabilidade dos (as) jovens. Em diversos relatos é notório que os estudantes sofreram com a adaptação com relação ao isolamento social. A pandemia também afetou drasticamente a questão das interações sociais e os grupos alegaram, por inúmeras vezes, a falta de ânimo para realizar tarefas simples e do cotidiano deles. Percebemos que, de forma contraditória, as demandas de responsabilidades aumentaram drasticamente com o isolamento social e com as atividades online e, ao mesmo tempo, os (as) jovens sentiram-se incapazes de dar conta dos novos aprendizados trazidos com estas novas demandas. Isso, com certeza, refletiu em diferentes consequências danosas a saúde mental. Até mesmo uma professora, que fizemos contato no decorrer do projeto, alegou a sobrecarga dos alunos com relação ao regime de aula, ela disse: "A verdade é que os alunos estão bem sensíveis. Qualquer coisa que a gente propõe pode virar uma bomba atômica. Muitos deles só reclamam. Outros a gente sabe que estão apenas aproveitando o momento para não fazer nada mesmo". A pandemia para os (as) alunos (as) do ensino regular teve outro impacto se for comparada com a pandemia para os (as) alunos (as) do ensino superior. Isso ocorreu, até mesmo, na forma dos mesmos poderem visualizar sua interação com o espaço urbano, pois suas percepções e pensamentos são diferentes em determinadas fases da juventude. Durante a pesquisa, foi observado o fato de que os (as) jovens que têm uma vida universitária possuem outras relações com a cidade. Pela interação com a universidade acabam por frequentar lugares que não são de acesso de alunos (as) adolescentes. As meninas do bairro Nova Santa Marta construíam seu cotidiano em uma relação com a casa e a igreja, sobretudo, tendo dificuldades de manterem relações de amizade na escola e nos espaços públicos da cidade, em virtude das interações serem privilegiadas aos meninos. Suas condições de mulheres e de habitantes em um bairro pobre restringiam seus espaços de convivência. Por outro lado, para os (as) jovens do grupo de universitários (as), percebemos que as relações se estabeleceriam principalmente no espaço da universidade e nas

proximidades, nos espaços públicos e alguns bares e lancherias do bairro Camobi (onde está localizada a UFSM).

Para ambos os grupos encontramos mais restrições de relações espaciais com a cidade do que liberdade de experimentá-la. Os compromissos e demandas tanto para as meninas como para os (as) jovens universitários (as) restringia seus espaços cotidianos de experiência urbana. Muitos (as) jovens universitários (as) sabiam de alguns outros espaços de sociabilidade na cidade, mas devido a dificuldades financeiras e dos tantos compromissos que tem com suas formações acabavam encontrando pouco tempo de sociabilidade e, quando encontravam, acabavam se restringindo ao próprio espaço estudantil da UFSM e, no máximo, devido menor custo, pelas proximidades. Por um lado, as restrições destes cotidianos nesses grupos diferentes se estabeleciam, para um grupo, na própria universidade, por outro, entre a casa e a igreja das periferias urbanas. Percebemos, assim, que as espontaneidades juvenis encontram suas sociabilidades nos espaços institucionais (casa, igreja, escola e universidade), mas sempre com muita dificuldade em, efetivamente, serem espaços realmente autênticos deles (as). Por entre as demandas e responsabilidades destes espaços institucionais que eles (as) constroem suas táticas de organizarem e compreenderem-se como jovens, também alterando aspectos destes espaços, sempre em uma disputa em ser jovem e dar conta de compromissos já da vida adulta. Percebemos que isso é um sintoma importante na vida dos (as) jovens que nos relacionamentos em 2020: a contradição em ser jovem nos afasta de representações da própria juventude, mas também nos permite entender como se articulam criativamente para estabelecerem suas autenticidades em espaços institucionais de adultos. Parece-nos uma luta individual constante e isso, com certeza, gera muita ansiedade nos (as) jovens para serem autênticos (as), mas, ao mesmo tempo, dar conta daquilo que precisam se inserir (a vida adulta).

Quando o (as) jovem olha para a cidade, atualmente, ele (as) consegue perceber outras questões que são colocadas para ele, mas, além disso, os sentimentos e lembranças do espaço são mesclados com o sentimento de não poderem frequentar e nem interagir com a cidade ao seu redor. O sentimento de pertencimento dos mesmos acaba se esvaindo, toda a ocupação daquele lugar não será a mesma, a falta de poder transitar pelos lugares e estabelecer relações com eles é totalmente inviável levando em consideração suas próprias incapacidades como jovens e suas singularidades e, ainda mais, no contexto da pandemia de COVID-19, em que o isolamento social atingiu drasticamente suas raras possibilidades de serem como são em sociabilidades autênticas.

5 Conclusão

Com base nos resultados apresentados anteriormente, assim como no referencial teórico, considera-se que a relação dos jovens participantes da pesquisa com a cidade varia de acordo com cada contexto, seja esse contexto relacionado com a condição financeira ou os eixos de subordinação que perpassam a vida desses jovens - como o machismo, o racismo, o preconceito de classe, a misoginia. Dessa forma, o contexto de existência em que a pesquisa se estabeleceu é o contexto da pandemia de COVID-19 em 2020, logo, a relação desses (as) jovens participantes da pesquisa com a cidade e sua percepção de sociabilidade foi e está sendo perpassada por essa situação de isolamento, tendo sido modificada. Os (as) jovens universitários (as) que tinham suas relações muito enraizadas com o estar na universidade, com sociabilidades criadas com base na existência desse vínculo, acabaram se afastando dessas relações pelo isolamento social e isso alterou em muito suas percepções de mundo e de si mesmos (as).

Além disso, o ser jovem em si e a definição do que é ser jovem e do que seria uma condição juvenil (para si), possuiu muita diferença e contradição. Por outro lado, ainda persiste o sintoma da delimitação pela idade, mesmo que contraditório: para muitos pelos quais não se sentem jovens é a ideia de se ter 30 ou 40 anos de idade, com uma série de limitações, que suas condições juvenis são explicadas na perspectiva do distanciamento de uma condição social restrita de juventude. Com isso, aborda-se aqui que não há um consenso sobre ser jovem, só há um consenso de que ser jovem muda de acordo com cada situação socialmente localizada em determinadas condições específicas de vida e de cotidiano. Por outro lado, sempre é um que acaba por moldar, ininterruptamente, resultante, também, da interação com os espaços de alcance.

A questão de novas descobertas relacionadas ao contexto pandêmico também pode ser citada. Os grupos tiveram adaptações diferentes e quando relatam suas vivências e foi notório que alguns não conseguiram se adaptar de uma forma mais efetiva às tecnologias, como muitos citaram a falta de afinidade com as relações sociais realizadas através da internet. Há relações de afeto que eles (as) denominam serem impossíveis de serem constituídas através da internet. Outra questão que foi abordada foi à questão também de afetividade com o bairro. Por um lado, as participantes do bairro Nova Santa Marta, em Santa Maria (Rio Grande do Sul), demonstraram que suas interações como este lugar de moradia são conflituosas, principalmente por suas dificuldades de deslocamento, sociabilidade e acesso aos serviços, sobretudo por serem mulheres. Percebemos que tais interações acontecem em virtude das

possibilidades de se estar em certas instituições sociais, como na igreja, na escola e na casa. É a casa e a igreja os espaços pelas quais elas vivem o bairro. Também é, um pouco menos, a escola, principalmente pela falta de visibilidade que apresentam como mulheres (mais visibilidade as sociabilidades dos meninos) e como jovens (a escola é eminentemente um espaço de jovens, mas cujas relações sociais instituídas invisibilizam suas demandas). Por outro lado, os (as) jovens universitários (as), mesmo mantendo uma noção de que suas liberdades aumentaram ao se deslocarem de uma cidade pequena para uma cidade universitária como Santa Maria-RS, apresentam inúmeras limitações de viverem efetivamente todas as possibilidades de sociabilidade que a cidade oferece: limitações financeiras, principalmente, e de falta de tempo devido às metas de formação que precisam dar conta em termos de estudos acadêmicos. Suas realizações com a cidade se limitam ao espaço da universidade (o campus universitário) e, no máximo, em alguns espaços públicos e bares na periferia desta área, no próprio bairro Camobi. Notamos que as juventudes, assim, em meios as suas contradições e limitações sobre ser ou não ser jovem, produzem táticas para poderem se relacionar efetivamente por entre os espaços e demandas de uma vida adulta próxima. É por estes entremeios de existência que se dão as qualidades e especificidades de ser e estar jovem.

Referências

ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 5, 1997.

ABREU, N. R.; BALDANZA, R.F.; GONDIM, S. M. G. Os grupos focais online: das reflexões conceituais à aplicação em ambientes virtuais. **Revista de Gestão da Tecnologia e Sistemas de Informação**, São Paulo, v. 6, n. 1, 2009.

BERDOULAY, V. Sujeto y acción en la geografía cultural: el cambio sin concluir. **Boletín de la AGE**, Espanha, n. 34, 2002.

BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

CARRANO, P. C. R. **Juventudes e cidades educadoras**. Petrópolis: Vozes, 2003.

CLARK, D. **Introdução à Geografia Urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 180, jan./jun. 2002.

FARIAS, C. L. O processo de ocupação da periferia urbana de Santa Maria-RS: o caso do bairro Nova Santa Marta. **Dissertação** (Mestrado em Desenvolvimento Regional). UNISC: Santa Cruz do Sul, 2011.

GAMALHO, N. P. HEIDRICH, A. L. “A gente é da vila, mas não é bandido!” O lugar e a juventude nas representações sociais dos jovens do bairro Guajuviras - Canoas/RS - Brasil. **Para Onde?**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, 2012.

GAMALHO, N. P. **Entre dominações e apropriações, reproduções e criações, centralidades e periferias: práticas e espaços de representações de jovens do Guajuviras – Canoas/RS.** 314 f. 2015. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

GAMALHO, N. P. Juventudes do Guajuviras: percursos em comunidades de sentidos. **Textura**, Canoas, v. 22, n. 49, 2020.

GONDIM, S. M. G. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paidéia**, Ribeiro Preto, v. 12, n. 24, 2003.

LINDÓN, A. De las geografías constructivistas a las narrativas de vida espaciales como metodologías geográficas cualitativas. **Revista da ANPEGE**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 4, 2008.

MARIZ, C. L. Comunidades de vida no Espírito Santo: juventude e religião. **Tempo social**, São Paulo, v. 17, n. 2, 2005.

NASCIMENTO, E. F.; MONTE, L. M. I.; NASCIMENTO, M. A. C.; MATEUS, A. S.; SOUSA JÚNIOR, P. T. X.; SIQUEIRA, F. I. M. R. University youth and social isolation in the COVID-19 pandemic: Employment, Sociability and Family. **Research, Society and Development**, São Paulo, v. 9, n. 12, 2020.

PEDROSO, P. R.; GISI, M. L. A pandemia – Covid 19 e os impactos na juventude: educação e trabalho. **Revista Práxis**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, 2020.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção.** 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SOFIATI, F. M. **Religião e juventude: os jovens carismáticos.** 2009. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

TURRA NETO, N. **Enterrado, mas ainda vivo!** Identidade punk e território em Londrina-PR. **Dissertação** (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Presidente Prudente, 2001.

TURRA NETO, N. **Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava-PR: territórios e redes de sociabilidade.** Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Presidente Prudente, 2008.